

OLHOS DE CORUJA, OLHOS DE GATO BRAVO: DESCOLONIZANDO O GÊNERO

ROSILENE SILVA DA COSTA*

CINTIA CARLA MOREIRA SCHWANTES**

RESUMO

Neste artigo, analisa-se, sob a ótica dos estudos de gênero e pós-coloniais, o segundo romance de Luis Cardoso, escritor de Timor-Leste, ex-colônia portuguesa. Trata-se de *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*, romance narrado por uma voz feminina, em que a história da personagem entrelaça-se com a história recente de luta pela Independência, sua conquista e seus desdobramentos, conforme se buscará discutir.

PALAVRAS-CHAVE: Timor-Leste, independência, autonomia, História.

Alguns apontamentos sobre a história recente do Timor-Leste são necessários para o entendimento de *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*, romance escrito pelo timorense Luis Cardoso, em 2001, posto que a trajetória pessoal de sua narradora autodiegética está intimamente conectada com os acontecimentos históricos compreendidos entre o seu nascimento e o seu retorno a Timor-Leste, após um longo período de exílio em Portugal.

O território timorense tem 14.874 km² e, atualmente, 1,1 milhão de habitantes. As línguas oficiais são o português e o tetum praça, mas o país conta ainda com outras 15 línguas. Colônia portuguesa, apesar da neutralidade da metrópole durante a II Guerra Mundial, Timor-Leste foi invadido por australianos e holandeses, com o intuito de prevenir uma invasão japonesa, que acabou acontecendo em fevereiro de 1942.

* Mestre em Literaturas Africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Bolsista da Capes.
E-mail: lenecostas@hotmail.com

** Doutora em Literatura Comparada pela UFGRS/Indiana University.
Professora da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
E-mail: schw@unb.br

Através de intermediação diplomática, Portugal enviou tropas à colônia durante o período da invasão aliada. Na prática, isso significou que efetivos armados, que politicamente eram aliados circunstanciais, conviveram no exíguo espaço do Timor-Leste – uma situação no mínimo desconfortável. Quando da invasão japonesa, igualmente, houve dentro do território timorense quem se colocasse contra e quem se aliasse ao (novo) invasor.

Em 1949, durante a reconfiguração do mapa geopolítico decorrente da Segunda Guerra Mundial, ocorre a independência das Índias Orientais Holandesas, sob o nome de Indonésia. Herança do passado colonial, Timor fica dividido entre Timor-Leste, colônia portuguesa, e Timor-Oeste, pertencente à Indonésia, então um país independente. Essa divisão de fronteiras, marcada arbitrariamente, torna-se uma fonte potencial de conflito, a qual irá irromper após a independência de Timor-Leste em 1975. Com a retirada das tropas portuguesas, o país vizinho invadiu Timor-Leste, na tentativa de borrar a fronteira arbitrária colocada pelas potências colonizadoras. Essa invasão também era uma tentativa de conter o comunismo, que se mostrava como possível sistema de governo da ex-colônia portuguesa, e também uma forma de se apoderar das fontes petrolíferas existentes nos mares da terra do sol nascente.

A historiografia oficial considera a data da Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974)¹ como a da independência do Timor-Leste; no entanto, uma nova constituição só foi promulgada em 1976. Em 1978, o país foi invadido por forças indonésias, o que desencadeou uma guerra civil entre a FRETILIN (de orientação marxista) e o partido pró-Indonésia, o APODETI. Portugal retirou seu apoio à ex-colônia, mas a ONU somente considerou o Timor como território a ser descolonizado em 1999, quando foi realizado um plebiscito sobre a independência do país, sob supervisão da ONU. Neste plebiscito, 76% da população votou a favor da autonomia, apesar das pressões e ameaças das milícias pró-indonésias. A data da independência, portanto, passa a ser considerada 20 de maio de 2002, seguida da eleição de Xanana Gusmão (líder da guerra independentista) como presidente. Assim, percebe-se que a história recente de Timor-Leste é um laboratório para o processo de descolonização, que acontece diante dos nossos olhos.

Ao lado das questões pós-coloniais, que evidentemente são relevantes para a leitura do romance, questões de gênero também são

centrais em *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. A protagonista e também narradora, portanto, duplamente central na narrativa, é uma mulher que usa permanentemente uma venda negra sobre os olhos. Ela é, por conseguinte, limitada – castrada. Se levarmos em conta que quem coloca a venda é o Padre Santa, parente importante, em linha paterna, e sacerdote católico, temos que ela é castrada por um patriarca. Ela é, dessa forma, submetida por um representante egrégio do sistema patriarcal a um estado de dependência e, por causa disso, de minoridade.

Beatriz, a narradora, é também diaspórica. Retirada do Timor-Leste logo após o batismo – ingresso em um sistema patriarcal cristão e colonial –, é levada para Portugal, o centro do império, onde ela sente agudamente sua situação de submissão. Seu desejo é retornar para a pátria e para a mãe, que ela tem absoluta certeza de que retiraria a venda de seus olhos, restituindo-lhe não apenas a visão como também a independência. Nesse sentido, podemos ler o romance como uma metáfora do processo de colonização, no qual o colonizado é reduzido a uma situação de dependência cultural e econômica, de submissão e de minoridade legal, da qual só poderá escapar se restabelecer contato com sua origem.

Curiosamente, Beatriz narra, por quase dois terços do romance, os acontecimentos imediatamente anteriores e posteriores ao seu nascimento, com uma riqueza de detalhes e um conhecimento das motivações de cada personagem que seria virtualmente impossível. Assim ficamos sabendo do desabamento acontecido quase simultaneamente a seu nascimento, que soterrou a casa de Pantaleão, afilhado do pai da narradora, matando sua mulher e suas duas filhas – ele só escapou porque no momento estava caçando, longe da aldeia. Apesar de ser batizado e conseqüentemente católico, ele reverte as suas crenças animistas em face da dor da perda. Por essa razão, quando o pai de Beatriz, em uma caçada para garantir carne para a festa do batizado, para a qual quase uma centena de pessoas, entre parentes, vizinhos e afilhados, compareceria, falha em ajudá-lo a capturar uma corça com dois filhotes que ele acredita serem a esposa e as filhas retornadas; assim, Pantaleão passa a abrigar ressentimento contra o padrinho, fato que será relevante mais tarde.

Mesmo em frente deles no sítio exato que meu pai suspeitava onde estariam escondidos, repousavam uma corsa e duas crias. Surpreen-

didadas com o clarão levantaram-se e olharam na mesma direção onde eles se encontravam, O velho catequista escolheu um alvo. O ponto da mira da espingarda tinha a direção da corça. Uma opção feita no momento. Não se indagou porque razão fizera aquela escolha. Pantalão tinha também os olhos naquela direção como se ambos tivessem escolhido a mesma vítima. Mas era a primeira vez que presenciava uma caça à luz do petromax. Lembrou-se de uma situação idêntica acontecida com ele no dia em que apareceu lá em casa. Agora era sua vez de controlar o outro que não tinha nenhuma possibilidade de reagir. Mantinha-o sob sua dependência. E isso fê-lo sentir-se importante. Algo de poderoso. Pronto para decidir da vida e da morte do outro. Mas rapidamente fez a escolha esperada, como a de um caçador, esquecendo-se de tudo e antecipando-se mesmo ao disparo da arma viu tombar no chão o corpo pesado da fêmea que provavelmente haveria de dar dois pulos no ar, insurgindo-se contra a arbitrariedade de quem o surpreendia com a morte, no momento em que tinha todas as razões para viver. Mesmo em cima da hora lembrou-se que meu pai servia-se dessa luz para decifrar o lado oculto dos animais mostrando os disfarces. Eis que numa fração de segundo viu pela frente, olhos nos olhos, resgatada pela luz do petromax toda a sua família. Lá estavam elas, escalonadas no espaço, a Lua Cheia e as luas finas, o Quarto Crescente e o Quarto Minguante. Quis interromper o tiro com um grito, mas a voz secara-lhe e meu pai premira o gatilho antecipando-se mesmo a seu pedido. Um estrondo fechou-lhe o pensamento, o coração e os olhos. (CARDOSO, 2001, p. 72-73)

Igualmente significativo é o fato de Beatriz não encontrar a mãe, desaparecida desde a véspera de seu batizado, quando retorna a Timor. Assim, a venda que ela acreditava que a mãe retiraria, permanece. Ela continua, portanto, em uma situação de dependência, visto que não lhe é facultado o direito de ver com os próprios olhos. O retorno da protagonista à sua terra de origem se dá no contexto da independência de Timor, concedida por Portugal na esteira da Revolução dos Cravos. Assim, o fato de ela continuar sem ver e não reencontrar a mãe metaforiza que o mero retorno dos diaspóricos não lhes garante a reintegração em uma comunidade nacional. Isso se evidencia no fato de o retorno de Beatriz não render a autonomia por ela desejada, pois continuou vendada; e a independência política de Timor-Leste ter deixado o país em uma situação de desamparo, o que não lhe permitiu ser autônomo.

Vale notar também que Beatriz, “cega”, quando retorna, identifica os irmãos pelos hábitos mantidos por eles: “um fumava tabaco que nem um cavalo e o outro mascava que nem uma mulher” (CARDOSO, 2001, p. 140). O fumo é importante, visto que o pai de Beatriz voltou a fumar diante da gravidez tardia da mulher, que resultou em seu nascimento. O Padre Santa enviava pelo filho Matias o fumo que serviria também para tratar as feridas dos cavalos; assim, o irmão adquire o hábito de fumar. Já o fato de Mateus mascar a masca evidencia a sua orientação sexual, uma vez que este é um hábito das mulheres timorenses e dos homens homossexuais. O mais relevante, porém, é que não tendo crescido em Timor e, portanto, não conhecendo os costumes da terra, a protagonista não teria como ter acesso a esse conhecimento da cultura, além do fato de ter saído ainda bebê do território, o que lhe permitiu um pequeno convívio com os irmãos. Estamos diante de um ato falho da narrativa, o qual é tanto mais significativo por suas implicações: a pátria é intrínseca, encontra-se entranhada em seus filhos e a mera distância não destrói esses laços. Essa visão essencialista da relação com a pátria é um índice do estágio de construção de uma identidade nacional à época da escritura do romance, que foi anterior a 2002 (ano da autonomia política de Timor-Leste). Na falta de elementos mais palpáveis, como uma língua nacional, a que se poderia recorrer, a pátria é aquilo que nos marca, saibamos ou não; aquilo que nos acompanha, queiramos ou não; pois é parte de nós, um conceito de pátria muito semelhante ao desenvolvido nos países europeus no século XIX, quando da construção de suas identidades nacionais.

Vale salientar que Timor-Leste é dividido em vários reinados, que foram aproveitados pelos portugueses durante a colonização do país que ainda hoje prevalecem na organização das comunidades. Beatriz é neta de um rei que, ficamos sabendo mais tarde, foi morto por um soldado português. Sua viúva, a rainha, sempre desejara uma neta para vingá-la (curiosamente, a tarefa da vingança não é confiada à descendência masculina – Beatriz tem dois irmãos mais velhos, e não se espera deles que levem a cabo nenhuma ação de reparação quanto aos agravos sofridos pela avó). Ela é, portanto, uma filha desejada, mas pela linhagem materna. As três mulheres – filha, mãe e avó – recebem o mesmo nome, que significa “abençoada”, o que pode ser extrapolado para predestinada, como veremos adiante. Esse fato ressalta a existência

de uma continuidade em linha materna, não oficial, já que não se expressa pelo nome de família, que é paterno, mas encontra expressão no nome próprio, mais constitutivo da pessoa por ser próprio, logrando maior relação com a identidade do indivíduo.

A primeira Beatriz tem seu marido morto em um conflito com o aparato colonizador, um dos muitos na conturbada história do país. A segunda, por sua vez, apesar de prometida a um primo, Nestor, é dada em casamento para o pai da narradora, parente do Padre Santa, ligado aos portugueses como um esforço de pacificação. O fato de a avó desejar tão ardentemente uma neta para vingá-la mostra a fragilidade desse arranjo, apesar de o pai da narradora ter cumprido a contento tudo o que dele se esperava. Beatriz nasce quando os irmãos gêmeos já estão na adolescência. Essa gravidez tardia é uma fonte de embaraço para o pai, pois atesta a continuidade de uma vida sexual quando ele (e a esposa) já deveriam ser mais contidos e mais sábios. A mãe afirma com convicção de que se trata de uma menina, e isso é fonte de alegria para ela e para a avó, embora por motivos diversos: a avó deseja uma vingadora, a mãe deseja companhia, o que também dá a medida de sua solidão, em um casamento com um homem com quem não partilha língua, nem religião, nem costumes.

O pai chega a considerar a hipótese de declarar que sempre desejara uma filha e a gravidez resultara desse desejo. A verdade é que uma filha a quem ele teria de proteger – coisa que não se aplicava aos filhos –, em uma idade avançada, causa-lhe temor. Além disso, uma filha que vingasse ofensas passadas seria um atestado de falência de sua missão pacificadora. Por esses motivos, ele na verdade a rejeita:

De regresso, quando minha mãe me colocou nos braços dele teve uma reação quase instantânea de rejeição como se tivesse passado as mãos pelas brasas e quase deixando-me tombar. E se não fossem as mãos protetoras dela reagindo como as garras de um milhafre eu teria caído no chão. Ele em desespero disse:

– Beatriz, esta só tem olhos! (CARDOSO, 2001, p. 15)

Dessa forma, os olhos da narradora, desde o título, serão centrais para o entendimento de sua natureza e sua função na narrativa. O olhar penetra e desvenda, abre as portas do conhecimento. É essa qualidade, assimilada ao masculino e ao colonizador, que é retirada da protagonista.

Mulher, colonizada, ela é também incapacitada de se reconhecer (embora tenha recebido uma educação esmerada dentro do “currículo” do colonizador – uma educação, por sinal, que lhe seria completamente inútil na sua vida em seu país de origem). Os olhos da narradora são grandes e defeituosos, a ponto de o pai a rejeitar também por este motivo; já a mãe a aceita e ama como ela é. A mãe não deseja mudar a identidade da filha, mas marcá-la para que ela se sinta como pertencente a ela e à família. Assim, na véspera de seu – católico – batizado, a mãe, seguindo os rituais animistas, costura várias bonecas, que deveriam enganar os maus espíritos que pudessem vir machucá-la, e as faz todas com olhos enormes, à semelhança da criança que deveria ser protegida.

O régulo, em encontro com o pai de Beatriz ainda antes de seu nascimento, tenta estabelecer um compromisso entre seu filho e a protagonista, afirmando que é saber comum que uma filha, nascida tarde, ou seria predestinada ou louca (sua intenção era, a se confirmar a segunda hipótese, romper o compromisso). Embora o catequista – como o pai é denominado, por sua função, não por seu nome, como se ele fosse um impessoal instrumento político – não responda, nem afirmativa nem negativamente, o régulo considera que existe um compromisso, e o mantém: seu filho não se casou, esperando o retorno de Beatriz. Quando ela retorna e se casa com outro homem, ele afirma ser esse um mau hábito da família dela não honrar seus compromissos. Ele está se referindo à interferência do Padre Santa, que resultou no casamento de Beatriz-mãe com o catequista, e não com o homem a quem fora prometida, Nestor, que tinha uma propriedade rural e um efetivo de homens armados. Havia rumores de que ele, dentro de sua propriedade, andava nu e de que teria vários filhos bastardos, índices de potencia sexual e poder.

Na noite anterior ao batizado, enquanto o catequista, acompanhado de Pantaleão, caçava, Nestor enviou parte de seus homens para barrar seu caminho. É nesse momento que o pai de Beatriz desaparece; para todos os efeitos, é dado por morto. Nestor, por sua vez, se encaminha para casa. Ao ouvir um ruído no quintal, a mãe se adianta, pensando tratar-se do marido, e encontra seu antigo prometido. Uma vez fora da proteção da casa, ela desaparece, presumivelmente raptada por seu antigo pretendente. Beatriz-mãe não reaparecerá na narrativa. Há um motivo narrativo para isso: ao ser raptada, ela já

estava com a saúde comprometida – provavelmente com tuberculose – e muito provavelmente, quando do retorno da filha, já estava morta. O pai tampouco aparece, e o batizado acontece com o Padre Santa como oficiante e também como membro da família. É ele quem declara que Beatriz já havia visto tudo de que precisava, e lhe põe uma venda nos olhos. No dia seguinte, ele a envia, aos cuidados da tia Matilde, para Portugal, para onde ele mesmo regressa.

A volta de Beatriz a Timor se dá por insistência dos irmãos, e é no navio que ela conhece Luís de Albuquerque, com quem virá a se casar. A tia Matilde procura propiciar um encontro entre eles, coisa que desagrade os irmãos, pois Beatriz já estava prometida. Assim, ela repete a história da mãe – prometida a um homem, finda por casar-se com outro, e um representante de interesses que haviam sido opostos aos da família materna dela, bem como o fora seu pai. Beatriz e Luís de Albuquerque se casam, mas, por uma série de contratemplos, o casamento não é consumado; ela descobre o adultério do marido, que se envolvera na criação de partidos políticos do país cuja independência é recente. Entre os azares da movimentação política, Luís de Albuquerque mata um membro do partido adversário – justamente aquele a quem Beatriz fora prometida – e deve ser buscado para um julgamento no qual certamente será condenado à morte.

Ela pede como um favor a Pantaleão, presentemente filiado a um dos partidos, e que é quem deveria buscar o marido, que permita que Luís de Albuquerque pernoite em casa. Nessa noite, eles consumam o casamento e assim que ele goza, ela tira do cabelo o presente de casamento da avó rainha, um prendedor de cabelo que é um longo palito de ouro ricamente ornamentado, e crava nas costas do marido, à altura do coração. Ela se vingá, vingá a avó e protege o marido, tudo na ação de matá-lo. Esta é uma conjunção de sexo, amor, vingança e morte. Nesse momento, ela tira a venda dos olhos para ver os olhos do marido “ainda em vida”.

Com um gesto brusco retirei o pano preto dos meus olhos. Não consegui ver nada. Foram muitos anos de sombra. Pouco a pouco comecei a ver as luzes do candelabro, levantei bem as velas, finalmente consegui ver os contornos do rosto dele, cada vez mais nítidos, ainda tinha os olhos completamente abertos como se estivesse à minha

espera para os fechar. Padre Santa tinha dito que eu tinha visto tudo. Não era verdade, faltava-me ver os olhos dele. Eram verdes como de um gato bravo. Com a mão fechei os olhos dele. Depois disso não vi mais nada. Como se tivesse fechado os meus próprios olhos. (CARDOSO, 2001, p. 159)

Como não há motivo real para vender um bebê e levá-lo a enfrentar todos os problemas envolvidos na educação de uma criança cega, o ato de vender Beatriz precisa ser entendido como uma metáfora da limitação imposta pela metrópole para que o colonizado se reconheça e estabeleça uma identidade. Questões de gênero também podem ser arguidas, pois a separação de mulheres, em classes sociais e etnias diferentes, impede o desenvolvimento de um reconhecimento entre elas e, conseqüentemente, não se estabelece uma agenda comum. Privilegiada, vivendo na metrópole, Beatriz não partilha quase nada com seus conterrâneos – e também foi desprovida da mãe que a ajudaria a estabelecer uma identidade feminina, não sendo, portanto, capaz de ver a si mesma.

A vida dela é resumida em poucas páginas – o romance tem 159 páginas, e a história da própria Beatriz só inicia na página 117. Narradora não confiável, seus próprios sentimentos, com exceção de seu anseio de retorno para a pátria e para a mãe, permanecem opacos para o leitor. Pode-se depreender seus motivos para matar o marido, conflitantes e complementares como eles são, mas ela jamais os verbaliza. Uma das chaves de leitura do romance será o artigo da Kristeva (2003) sobre Romeu e Julieta, que discorre sobre esse amor à sombra da morte. Julieta é filha de uma mãe fria e distante, sua figura materna é a ama, que é completamente despossuída, ou seja, não pode legar nenhum tipo de poder para Julieta. É também filha de uma família rival à de Romeu. Quando Romeu se apaixona por ela, ela encontra nele o que nunca havia tido na vida, amor incondicional (associado à maternagem). Assim, a falta é suprida e os amantes podem viver felizes para sempre? De forma alguma. Segundo Lacan (1987), o que nos define é a falta. Não há final feliz possível.

Beatriz se encaixa nessa leitura quase perfeitamente: ela é uma filha amada, mas cuja mãe desapareceu. Sua figura materna, a tia Matilde, é reprodutora do discurso patriarcal. Ela se converte ao

cristianismo para poder acompanhar Beatriz a Portugal, e aprende a ler para dar à sobrinha o acesso aos textos escritos que ela não teria de outra forma. Assim, tia Matilde se torna reprodutora tanto da religião quanto da cultura dominante. Igualmente significativo é o fato de que a tia desaparece da narrativa depois da chegada de ambas a Timor, depois de ter servido de guia para a sobrinha por tantos anos. Podemos depreender que a volta à pátria permite a dispensa dos suportes providos pela metrópole. Beatriz é vendada (castrada simbolicamente) e, apesar de sua condição privilegiada de falante da língua dominante e residente na metrópole, seu desejo é direcionado ao seu país e à sua mãe, que ela não conheceu. Pátria e mãe são desconhecidas porque Beatriz foi afastada delas exatamente pela ordem colonial e patriarcal que, ao favorecê-la, também a oprime.

Outro fator importante que Kristeva (2003) aponta em *Romeu e Julieta, ou o amor fora-da-lei* é que o ódio entre as famílias, de certa forma, instiga o amor entre os dois jovens. Em outras palavras, o perigo e a sombra da morte agem como um filtro do amor. Isso também pode se aplicar a Beatriz e Luís, oriundos de famílias e grupos que se opuseram de forma sangrenta em um passado recente e ainda não completamente esquecido. No entanto, se Luís de Albuquerque morre, senão por causa de Beatriz, com certeza pelas mãos dela, a própria Beatriz, ao contrário de Julieta, não morre – estamos lendo a história que ela conta, evidentemente pós-fato. Na cena final, Beatriz realiza tudo o que era esperado dela: tanto como louca quanto como predestinada. Ela é penetrada e também penetra o parceiro com um objeto fálico herdado da avó (quem a empodera é outra mulher), pode-se dizer que a violência da repressão gerou nela uma resposta necessariamente violenta. Essa violência é o que lhe permite sobreviver.

Assim, *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* pode ser entendido como uma trágica história de amor tornada impossível pelo momento histórico em que se passa, ou como uma metáfora para as complexas relações entre a metrópole e a ex-colônia. Isto é, os percalços do processo de independência que ultrapassam em muito o fato político da declaração de independência de um país e reverberam por vários aspectos na vida dos indivíduos. Há ainda a possibilidade de ser entendido como ambos, as histórias pessoais inextrincavelmente entrelaçadas com a grande História.

ABSTRACT

This article analyses the second novel – *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* – written by Luis Cardoso, who is considered the first novelist of East Timor. The novel is narrated by a female character whose life story is deeply intertwined with the recent history for the independence of East Timor, ex-colony of Portugal. Gender and post-colonial studies are used as theoretical framework for the discussion we aim to provide below.

Key words: East Timor, independence, autonomy, History.

RESUMEN

En este artículo se analiza, bajo la óptica de los estudios de género y poscoloniales, la segunda novela de Luis Cardoso, escritor de Timor Este, ex-colonia portuguesa. Se trata de *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*, novela narrada por una voz femenina, en la que la historia del personaje se enmaraña con la historia reciente de lucha por la independencia, su conquista y sus desdoblamientos, conforme se procurará discutir.

PALABRAS CLAVE: Timor-Este, independencia, autonomía, Historia.

NOTA

- 1 Em 25 de abril de 1974, um movimento militar das forças armadas derrubou o regime fascista em Portugal, que já prevalecia há quase meio século. Nessa época, Portugal era um dos países mais pobres da Europa e o único que mantinha sem liberdade política as suas colônias: Angola, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe (países africanos) e Timor-Leste (sudeste asiático).

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Luis. *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

KRISTEVA, Julia. Romeu e Julieta, ou o amor fora-da-lei. In: BRICOUT, Bernadette (Org.). *O olhar de Orfeu: mitos literários do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LACAN, J. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*.
Tradução de A. Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1932]1987.

Recebido em 2 de fevereiro de 2014

Aprovado em 18 de julho de 2014
